

# O BILHETE-POSTAL NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, UMA FONTE A EXPLORAR

HENRIQUE RODRIGUES\*

## INTRODUÇÃO

A Primeira Guerra Mundial proporcionou o acesso massivo às escritas privadas de gente que mal sabia ler e escrever. A separação prolongada e dolorosa da esposa, da mãe, do ambiente doméstico e da terra, fez da escrita uma prática de sobrevivência para os militares deslocados em tempos bélicos. O afastamento de casa e a distância a que se encontravam as famílias pôs em movimento as funções da correspondência, fazendo da carta o refúgio privilegiado do sentimento, da saudade e da autenticidade da mensagem para quem dela era digno<sup>1</sup>. Estas correntes de tinta eram importantes para manter identidades sociais, unindo o militar e o núcleo doméstico, promovendo dinâmicas de escritas da ausência. Assim, o diálogo epistolar assumia um papel de relevo para quem foi mobilizado para o sítio da morte<sup>2</sup>. A norma aponta para o envio de uma missiva diária por soldado, sem contar com os muito populares bilhetes-postais. Para sobreviver, na frente da guerra, escrevia-se compulsivamente, havendo

---

\* Não seguimos o actual acordo ortográfico, por dele discordarmos.

<sup>1</sup> CHARTIER, Roger – (sous la direction de) «*Avant-propos*» in *La Correspondance, les usages de la lettre au XIXe siècle*. s.l.: Fayard, 1991, pp. 9-12.

<sup>2</sup> LYONS, Martin – *French Soldier's Correspondence in the First World War and the Question of Nationalism from Below*. In *Escritas da Mobilidade*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2011, p. 608. [disponível em brochura com prólogo, índice e CDROM].

soldados com médias de três a quatro cartas diárias<sup>3</sup>. O papel e a tinta ajudavam a viver; era necessário escrever para não morrer<sup>4</sup>.

Milhões de cartas e bilhetes-postais circularam por todo o mundo, mantendo laços de afecto e reforçando sociabilidades<sup>5</sup>. Usava-se a pena em qualquer lado e em qualquer circunstância, no hospital, durante as vigias nocturnas, debaixo de uma manta, à luz de um farol de bicicleta ou de uma vela cravada na baioneta.<sup>6</sup> A ponte de tinta, que urgia sustentar, não tinha regras caligráficas nem afastava desta cultura os analfabetos que se socorriam de outros camaradas, lendo e escrevendo em troca de favores<sup>7</sup>. Manter as amarras de papel com os seus, era sinal de vida, de que ainda se estava na guerra e se mantinha presente o quadro de vínculos parentais através das mensagens. Mas também se teciam outras relações de afecto, alimentando o contacto com madrinhas de guerra, muitas vezes prostitutas que procuravam clientes através destes elos<sup>8</sup>. No âmbito das escritas, os diários são outras fontes que merecem atenção, não tanto no contexto bélico como no quadro da cultura epistolar da guerra.<sup>9</sup>

Em França, nos anos da Grande Guerra, gerou-se uma súbita e incontornável bulimia das escritas ordinárias, uma efusão diluvial que tornava impossível o controlo administrativo desta circulação<sup>10</sup>, evitando-se, perante a censura, as regras de comunicação em cenários bélicos. Estes laços de papel reclamam ou exigem quase

<sup>3</sup> LYONS, Martin – *Los soldados franceses y su correspondência. Hacia una História de las prácticas de la cultura escrita en la Primeira Guerra Mundial*, in GÓMEZ, Antonio Castillo- (coordinador) *La Conquista del Alfabeto, escritura y classes populares*. Cenero/Gijón: Ediciones Trea, 2002, p. 229.

<sup>4</sup> Ver sobre a mesma questão e no contexto da Guerra Colonial, RODRIGUES, Henrique – et al. *Escrever para não morrer, correspondências de um soldado de Monção na Guerra Colonial*, in RODRIGUES, Henrique/PORTUGUÊS, Ernesto – *Escritas Privadas, da Mobilidade e da Guerra*. Viana do Castelo: Fundação da Caixa de Crédito Agrícola do Noroeste, 2013, pp. 207-262.

<sup>5</sup> Da frente para Itália, durante o conflito, circularam 2.137.000.000 de missivas, de acordo com CAFFARENA, Fabio – *La Grande Guerra delle Parole: Epistolografia e Scritture Popolari*, in SÁEZ, Carlos e GÓMEZ Antonio Castillo – (editores) *La Correspondencia en la Historia. Modelos y Práticas da Escritura Epistolar*. Madrid: Calambur Editorial, 2002, p. 474.

<sup>6</sup> LYONS, Martin – *Los soldados franceses, o. c.* p. 229.

<sup>7</sup> O apoio à escrita e leitura foi impulsionado por capelães portugueses, que também se encarregavam de proporcionar outros momentos de lazer, evitando tipos de convívio como os «*estaminets*» que os sacerdotes não aprovavam. MOURA, Maria Lúcia de Brito – *Nas trincheiras da Flandres, com Deus ou sem Deus, eis a questão*. Lisboa: Edições Colibri, 2010, pp. 76-78.

<sup>8</sup> LYONS, Martin – *Los soldados franceses, o. c.* pp. 230-231.

<sup>9</sup> GODINHO, Vitorino Magalhães – *Correspondência da Grande Guerra, Coronel Manuel Maia Magalhães*, (organização). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010. Ver ainda: PAÇO, Afonso- *Cartas às Madrinhas de Guerra*. Viana: Junta de Freguesia de Outeiro, 1993; CORTESÃO, Jaime- *Memórias da Grande Guerra*. Lisboa: Portugalíia, 1969. O estudo sobre um relatório de combate por MOTA, Guilhermina, merece destaque neste contexto. *Batalha de La Lys: um relato pessoal*. In Revista Portuguesa de História, tomo XXXVIII. Coimbra: IHES da FLUC, 2006, pp. 77-107.

<sup>10</sup> LYONS, Martin – *French Soldier's, o. c.*, p. 608.

nada do destinatário. A correspondência, além de evidenciar um símbolo de união virtual dos lares, é um meio de formação de cadeias através das quais os vínculos afectivos resistiam à separação física, promovendo uma nova cultura comunicacional.

Neste texto, centraremos a nossa atenção na análise aos bilhetes-postais enviados de França, durante a Primeira Guerra Mundial, destacando a correspondência de Cosme, um Alferes que manteve uma ligação permanente com uma rede de conhecidos, amigos e familiares, os irmãos. Um outro actor das escritas, um vizinho de nome Vitorino, também «ofereceu» bilhetes a duas irmãs de Cosme pelo que o estudo centrar-se-á em dois casos de correspondências da guerra.

## A FONTE

No âmbito de outros trabalhos sobre das escritas privadas<sup>11</sup>, tivemos acesso a um arquivo familiar, um álbum com 269 postais bem conservados, datados desde o início do século XX. Muitos circularam com timbre, outros foram endereçados em sobrescrito. O centro de acolhimento foi uma família, que arquivou os documentos enviados por membros do lar e amigos, conservando um corpus documental. Trata-se de um acervo com unidade, relativamente ao destinatário, a família de Cosme Henriques<sup>12</sup>. Um outro militar, Vitorino Pereira Tavares, promovido a alferes durante o conflito<sup>13</sup>, também se correspondeu com duas irmãs do referido Cosme. Deste corpus, destacaremos bilhetes-postais circulados entre 1917-1918, período de permanência dos emissores na Primeira Guerra Mundial<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> Referimo-nos a RODRIGUES, Henrique/PORTUGUÊS, Ernesto – *Escritas Privadas, o. c.*

<sup>12</sup> Cosme Henriques Pereira de Lemos, filho de Joaquim Pereira de Lemos e de Ana Henriques, nasceu em Alquerubim, concelho de Albergaria-a-Velha, Distrito de Aveiro, a 14 de Fevereiro de 1890. Tendo seguido a carreira militar, participou na 1.ª Guerra Mundial, entre 1917-18. Depois da guerra, em 1921, ainda mantinha o posto de alferes. Devido à exposição ao gás durante o conflito, sofreu uma paralisia facial, quadro de saúde que o conduziu à situação de reforma, no posto de capitão. Faleceu de enfarte do miocárdio, aos sessenta e dois anos, em 16 de Maio de 1952, na mesma localidade em que viu a luz do dia (Informações fornecidas pela proprietária do arquivo, a Prof.ª Doutora Manuela Vaz Velho). Nas citações dos receptores destas correspondências identificaremos o nome do destinatário, evitando sobrecarga de texto quando nos referirmos aos bilhetes-postais.

<sup>13</sup> Vitorino endereçou, de Tancos, a 24 de Maio de 1916, um postal a David Lemos, identificando-se como 1º Cabo. Tendo embarcado em 23 de Fevereiro de 1917, foi promovido a 2º Sargento, em 20 de Novembro do mesmo ano. No dia 8 de Fevereiro de 1918 passou à categoria de 1º Sargento Graduado Cadete e no dia 26 do mesmo mês a Aspirante Miliciano, tendo atingido o posto de Alferes no dia 18 de Maio. Obteve «licença de campanha por 53 dias desde 23 de Julho de 1918» Cf. [arqhist.exercito.pt/details?id=128925](http://arqhist.exercito.pt/details?id=128925) [consultado a 22 de Agosto de 2014].

<sup>14</sup> A correspondência pelo Serviço Postal de Campanha atingiu, entre 1917 e 1919, mais de trinta e dois milhões de movimentos, entre encomendas, correspondência ordinária e registada. AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos de Matos – *Portugal e a Grande Guerra, 1914-1918*. Lisboa: QuidNovi, 2010, p. 365.

O jovem militar, com destaque para os dois anos em que esteve ausente da terra natal, freguesia de Alquerubim, ao serviço do exército português em França, correspondeu-se com familiares, amigos, camaradas e simples conhecidos da aldeia, de quem recebia estes presentes de papel<sup>15</sup>. O maior volume de escritas foi endereçado aos irmãos, razão da existência deste núcleo no arquivo da família, autêntica relíquia enquanto espólio arquivístico. Neste trabalho, daremos especial atenção aos bilhetes de carácter fraterno, embora haja outros dirigidos a parentes como uma prima, um sobrinho e uma tia. Para esta abordagem, centraremos a atenção na mensagem escrita, deixando uma ou outra nota sobre o conteúdo iconográfico.

## REPRESENTAÇÕES DO BILHETE-POSTAL

Desde o seu aparecimento, em Outubro de 1869, na Áustria<sup>16</sup>, os pequenos bilhetes deram impulso às correspondências mais banais, comunicando duplamente com o verso e o reverso, e transformando-se numa moda, no Ocidente, e num meio assinalável de envio de notícias telegráficas<sup>17</sup>. Entre nós (Portugal) este correio data do ano de 1877<sup>18</sup> e os primeiros cartões ilustrados surgiram em 1894. Após a implantação da República, foram amplamente procurados como objectos de recordação<sup>19</sup>. Muitos deles adquiriram valor enquanto fontes iconográficas. Este modelo de contacto, com a difusão massiva desde inícios de novecentos, pôs em movimento milhões de mensagens, timbradas umas e outras enviadas em sobrescrito, internacionalizando-se e democratizando o seu acesso, originando novos usos das escritas.

O bilhete-postal, com portes mais económicos do que as cartas e o estatuto de correspondência aberta, seguia à vista de todos, expondo as mensagens à curiosidade de quem as manuseava, até chegar à mão do receptor. Por vezes, eram objecto de

<sup>15</sup> É o exemplo das «criadas do senhor Amador» a quem agradece «...os seus lindos bilhetes e que qualquer dia lhe escrevo», diz Cosme ao irmão Joaquim. Folha 42, postal A, datado em França a 7 de Janeiro de 1918.

<sup>16</sup> Após o início destas formas de comunicar, vários países europeus seguiram o mesmo modelo de circulação escrita, sendo conhecido, para França, um postal datado de 14 de Setembro de 1870. RIPEY, Aline; FRÈRE, Claude – *La Carte Postale, son histoire, sa fonction sociale*. Paris: CNRS Editions, 2001, p. 17.

<sup>17</sup> Os postais editados em cada país tinham o valor da franquia impresso no canto superior direito, gravura que evoluiu com as peças comemorativas. BRANCO, Jorge – *Estações ferroviárias Portuguesas em postais antigos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p. 14.

<sup>18</sup> Se a autorização oficial de circulação «...aconteceu em Outubro de 1877, os postais apareceram quatro meses mais tarde no comércio nacional». A idade de ouro dos postais ilustrados ocorre em plena 1.ª Guerra Mundial, fase em que a ganham uma dimensão que transcende a natureza de simples meios de transmissão de mensagens epistolares, sublinham MARTINS, Moisés; PIRES, Helena e OLIVEIRA, Madalena – «*Dos postais ilustrados, o. c.*», p. 2963.

<sup>19</sup> PASSOS, José Manuel da Silva – *O bilhete-postal ilustrado e a história urbana de Lisboa*, 2.ª edição. Lisboa: Caminho, 1993, p. 21.

censura, mais activa em contextos bélicos ou em situações de transgressão de normativos éticos, porque ser proibida a circulação se o conteúdo ferisse a moral pública, pela ausência de decoro nas imagens.

A variedade destes suportes de escrita é muita. Há postais simples e de luxo, pintados à mão, com tiragens limitadas e numeradas; todos satisfazem as exigências dos colecionadores<sup>20</sup>. Os bilhetes com fotografias de um local, paisagens deslumbrantes, costumes regionais, rostos de atrizes e de personagens do mundo da moda<sup>21</sup>, cartas fantasia, cenas míticas, reproduções de obras de arte existentes em museus, quadros históricos e outros temas constituem uma alternativa de ofertas para todos os gostos deste novo imaginário popular<sup>22</sup>, actuando como meio de difusão das maravilhas da natureza e de conhecimentos. Objecto de estudo pormenorizado, por um qualquer motivo, pela qualidade do suporte ou pela particularidade da imagem, as ilustrações constituem um campo de linguagens iconográficas multifacetado.

A abundância e a variedade conferiram-lhes o estatuto de meio de divulgação de cultura e serviram de instrumentos de publicidade e de propaganda política e ideológica. Incorporando diversos discursos e recursos, o postal ilustrado é em simultâneo um tipo de correspondência, um instrumento de difusão e de publicidade associado às indústrias culturais, um objecto de consumo e de colecção<sup>23</sup>.

Com porte mais económico do que a carta, depressa se internacionalizou ganhando espaço próprio no âmbito das escritas ordinárias, construindo ligações de papel e tinta. Este tipo de suporte proporciona um contacto mais informal, no domínio das correspondências, contribuindo para a «democratização» do uso das escritas<sup>24</sup>.

A necessidade de alimentar correntes de afecto e de reforço das relações sociais e familiares em contextos diversificados, como aconteceu com a Primeira Guerra Mundial, promoveu uma grande dinâmica, tal como as correntes transatlânticas.

Estes suportes comunicacionais eram uma alternativa para quem desejava uma ligação breve e rápida, substituindo a escrita mais densa e pormenorizada, a carta. O pequeno cartão possibilita usos variados, formais e informais, comerciais, de natureza pessoal e cordial ou simples saudação, transmissão de um acontecimento, como o nascimento ou outro acto vital, a manutenção de laços de amizade e de ligação ao espaço doméstico.

<sup>20</sup> RIPET, Aline e FRÈRE, Claude – *La Carte Postale*, o. c., 2001, p. 11.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>23</sup> CORREIA, Maria da Luz – *O postal ilustrado da frente ao verso: imagens mais que reprodutíveis*. Logos 29, Tecnologias e Socialidades. Ano 16, 2º semestre 2008, p. 118.

<sup>24</sup> MARTINS, Moisés; PIRES, Helena; OLIVEIRA, Madalena – «*Dos postais ilustrados aos posts nos weblogs: para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário*» in MARTINS, Moisés de Lemos e Pinto, Manuel (Orgs.) *Comunicação e Cidadania*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho), 2008, p. 2960.

Receber um bilhete-postal representa o reforço destes elos entre quem está distante, quem se afastou por uma qualquer razão, como a mobilidade migratória e bélica.

Os sítios por onde passamos oferecem uma paisagem, a terra, os campos, o mar, os rios, a própria montanha representada ao longo das estações do ano, com ou sem a presença do homem, conferindo verdadeira autenticidade dos sítios. As localidades, os indivíduos, os grupos sociais, os registos etnográficos, todos detêm uma identidade e memória próprias destes registos e fotografias, adquirindo o estatuto de documentos históricos inestimáveis.

Postais patrióticos, geralmente para celebrar a participação dos aliados na guerra, com símbolos nacionalistas, bandeiras, estandartes e outros elementos, por vezes acompanhadas de pequenas mensagens impressas, também se encontram entre esta gama de temáticas. Celebrações festivas, calendários, paquetes, composições de elementos vegetais, trevos de quatro folhas, cavalos, tudo era usado para desejar felicidade à pessoa amiga, à mãe, à irmã, à esposa, à noiva. São mensagens ricas, coloridas, sensibilizando para valores como a ternura, a beleza e o amor. Os bilhetes ornamentados com flores, peixes, pássaros, ramos de flores, corações e com textos longos, ocupando o espaço da ilustração, são, geralmente, dirigidos ao sexo feminino pelos namorados. Os temas versam sobre sentimentos amorosos, paixões, afectos e amizade. Mais ou menos explícitas, as mensagens podem assentar em metáforas e em códigos cujos correspondentes conhecem ou combinam, por serem escritas expostas a outros olhares. O peixe, símbolo fálico, actua como alusão sexual, enquanto as representações de bebés são referências directas ao resultado do amor, uma imagem de um futuro nascimento, um desejo de todos os casais; outros elementos, como a cana de pesca (amor pescado com anzóis de Cupido), um corno da abundância, um cavalo de ferro, tudo associado à felicidade num medalhão com um casal, são símbolos do amor e da ternura. Pourquoi cet objet apparu lors de la guerre de 1870 survit-il dans la jungle de la communication? Uma iconografia variadíssima onde o quotidiano, o pessoal e íntimo, o público e o privado, o insignificante, a flor e a paisagem, o monumento, a mulher, o indivíduo mas também a dicotomia pobreza e riqueza, luxo e miséria figuram nestes cartões de consumo, de propaganda turística, de difusão de políticas e de divulgação de ideias, sentimentos, usos, costumes, folclore, tudo que pudesse ser representado. O belo e a beleza, a sedução, o erótico, o sublime e o sensual enriquecem as imagens do quotidiano. Temas como: mulher, folclore, paisagens pitorescas, exóticas, vida política, animais surgem com algum destaque, mas são mais raros os bilhetes com representações de homens, militares, marinheiros, cavaleiros, casais, ao contrário da sensualidade feminina<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> RIPET, Aline; FRÈRE, Claude – *La Carte Postale*, o. c., pp. 114-115.

A cidade, a natureza, as tradições, a cultura, a celebração do Sagrado, os registos bélicos, as festas familiares e de calendário, acontecimentos vitais, o nascimento de uma criança, o casamento e mesmo o falecimento de um ente querido, mensagens de amor, representações de infância, a caricatura, a simples divulgação publicitária, a guerra e toda uma panóplia de figurações dão alma aos bilhetes enriquecidos com escritas.

A escolha do postal entre um grupo existente no expositor ou escaparate é o primeiro passo da comunicação; depois é assinado ou escrito e endereçado, representando uma forma de apropriação do artefacto, marcando-o e transformando-o num objecto pessoal, ao gosto de quem o coloca no correio. Recebido o postal, apreciada a oferta, virada do anverso e do reverso, lida a mensagem e depois guardado, o bilhete fica em arquivo como testemunho destas iconografias e cadeias de tinta.

O envio de um postal é uma manifestação de interesse, respeito, amizade e vontade de transmitir notícias telegrafadas em rectângulos de papel. Alegorias patrióticas, votos de boas festas e Bom Ano, a própria fotografia, uma paisagem, cenas domésticas de onde emergem quadros sobre o amor, a criança, a infância e a família, a publicidade e o apelo ao consumo, a ideologia, afinal tudo ou quase tudo, e mesmo a pornografia, entraram neste mundo da comunicação e puderam circular com pequenas mensagens. São representações de sítios imaginários, de um tempo e de um lugar e proporcionam um contacto com as tradições e a cultura, de onde emergem costumes, o património e as próprias memórias e mentalidades.

A presença do sexo feminino nos postais veicula o papel da mulher bela<sup>26</sup>, povoando o imaginário do jovem, alimenta ligações com a terra de partida. Mas, ao mesmo tempo, assume um estereótipo de beleza das elites, cria imagens manipuladoras e redutoras dos papéis da mulher, fazendo passar a mensagem de que ela deve ser sempre jovem e bela, uma espécie de consumo da “mulher maravilha”. Donzelas envolvidas numa auréola de charme são imagens que marcam os corpos femininos, influenciam os modos de vestir, o bom gosto e a moda. São registos de um ideal de beleza, a partir de um modelo de indumentária.

A sensualidade torna-se num elemento de circulação via correio e origina mitos construídos em torno da donzela e do toque feminino (as mulheres estão constantemente tocando de modo delicado algum objecto, alguém ou a si própria), a hierarquia das funções (o homem ocupa comumente o papel central nas relações de trabalho, como por exemplo, médico e enfermeira), a ritualização da subordinação (inclinando-se ou deitando-se, a mulher dócil é por vezes ensinada ou alimentada

<sup>26</sup> JARDIM, Gabriel de Sena – *Mulheres postadas, representações do feminino em cartões-postais publicitários, (1900-1950/2000-2008)* [http://www.psicologia.ufrj.br/pos\\_eicos/pos\\_eicos/arqanexos/arqteses/gabrielsenajardim.pdf](http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arqanexos/arqteses/gabrielsenajardim.pdf). [Consulta realizada em 25/12/2010].

pelo homem, assumindo comportamentos infantis) e a mulher ausente «com olhar distante, a mulher se desloca e alheia-se ao que está ao seu redor, respostas emocionais que fazem perder a postura facial, levam as mulheres a cobrirem o rosto e em especial a boca com as mãos»<sup>27</sup>. A beleza, a voluptuosidade e mesmo imagens da intimidade correspondem a estímulos e desejos circulados nestes cartões, dando corpo a novos gostos e mentalidades.

A própria iconografia também é um desafio para historiador da cultura escrita ao relacioná-la com os textos que as mesmas suportam<sup>28</sup>. Com uma imagem na face e comunicação afectiva no reverso, aberto e fechado à leitura, público e privado, marginal e popular, é uma ferramenta de diversas indústrias e objecto indissociável das artes visuais<sup>29</sup>.

Como modelo comunicacional, «numa época de severa vigilância e tabus sobre a sexualidade, a imagem do corpo feminino é uma provocação»<sup>30</sup>, é a forma simples e económica de alimentar contactos e manifestar que pensamos da pessoa a quem escrevemos, a quem enviamos uma recordação sobre o sítio onde nos encontramos ou que queremos presentear com memórias que nos são queridas; são testemunhos de amizade e representam o reforço de uma ligação estabelecida através das escritas sem segredos, aberta aos olhares de estranhos, por circularem a descoberto.

## AS ESCRITAS DO BILHETE-POSTAL

Observar um postal, adquiri-lo e gizar algumas letras são gestos aos quais atribuímos pouca importância e que se inscrevem nas actividades do quotidiano sem consequências assinaláveis nestas dinâmicas<sup>31</sup>. Todavia, decorrem da necessidade de marcar a nossa passagem por determinado sítio ou correspondem à vontade de rememorar um momento especial, sinal de identificação com a terra visitada, cuja beleza nos sensibilizou e que partilhamos. Muitos bilhetes aparecem, aparentemente, desprovidos de novidades, além da assinatura ou de uma frase telegráfica, mas não deixam de percorrer longas distâncias, «convidando» a viajar até junto de quem

<sup>27</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>28</sup> GIRÃO, Ivna; HONÓRIO, Erotilde – *Cartões postais e os guardiões da memória: representação da imagem urbana de Fortaleza na primeira metade do século XX*. Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

<sup>29</sup> GERALDO, Jéssica Camargo – *Lendo imagens e palavras: sociabilidades e afetos nas dedicatórias de retratos do acervo de José Boiteaux*. (Florianópolis 1890–1930), Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240>. [Consulta realizada em 30/12/2010].

<sup>30</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson – *Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade*, in *História da Vida Privada no Brasil, República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 432.

<sup>31</sup> RIPET, Aline; FRÈRE, Claude – *La Carte Postale*, o. c., p. 145.

está longe,<sup>32</sup> emigrado ou na guerra. Com este gesto, o emissor sustenta cadeias de tinta e mantém atitudes de cortesia, informando sobre o estado de saúde, mostrando que existe. Também revela preocupação e outros sentimentos com a pessoa a quem endereçou este correio.

O prazer de comprar e oferecer um bilhete reforça elos de uma cadeia que se desejava forte, comunicando afectos e mantendo círculos de sociabilidade. É a necessidade de alimentar laços, servindo-se da iconografia para exprimir votos, expressar felicidades ou assinalar momentos de ternura. Às imagens, para rememorar sentimentos, ligam-se pequenas frases. Imagem e texto conjugam-se mesmo que, paradoxalmente, não encontremos uma sintaxe uniforme neste diálogo. Mas, «de uma maneira ou de outra, o cartão procura estabelecer uma comunicação entre ausentes»<sup>33</sup>, entre quem está afastado e com quem desejamos sustentar ligações.

Cosme, tendo integrado Corpo Expedicionário Português (CEP), endereça, a 13 de Julho de 1917, dois postais às irmãs. Um com Vénus de Milo, «La Femme Parfaite», circulado a descoberto, batido na censura, faz uma referência, no texto, à recuperação urbana parisiense, dizendo «aqui não há prédios velhos porque toda a gente sabe que um pincel e uma pouca de cal tira o musgo», onde o antigo está sempre bem conservado. Foi, antes de mais, a oferta de um símbolo do amor e da beleza, Afro-dite, deusa grega, existente no museu do Louvre, remetido para a irmã Maria; outro, datado no Bosque de Bolonha no mesmo dia, dirigido à irmã Dulce, deixa uma nota crítica sobre a moda parisiense, «Oixa lá que esta moda nunca chegue a Portugal».<sup>34</sup> De forma diferente, ambos apresentam um toque de sensualidade, mesmo que faça crer que reprova a ousadia da moda. Mais do que a palavra, era a circulação de uma mensagem iconográfica nova e inexistente em Portugal. Alguns bilhetes e entre eles somente os que circularam timbrados, exibem o carimbo da censura<sup>35</sup>.

Para manter as correntes de tinta, o militar utiliza bilhetes de conteúdo escrito minimalista, como se apenas quisesse oferecer uma prenda e ao mesmo tempo cumprir o prometido, escrever diariamente, para dar sinal de que nada de grave acontecera. Na continuidade destas ligações de afectos, envia novo postal à Dulce, escrito em francês, onde dá a conhecer que segue para Paris, pedindo que não escreva sem

<sup>32</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson – *Cartões postais, álbuns de família*, o. c. p. 24.

<sup>33</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>34</sup> Postal datado de 5 de Setembro e carimbado em Aveiro a 15 do mesmo mês, folha 3v,D. Citaremos a fonte com indicação do receptor, número da folha do álbum e a posição do postal com letras maiúsculas.

<sup>35</sup> A censura foi decretada em 20 de Abril de 1916, tendo alargado o controlo às mensagens telegráficas no dia 1 de Maio do mesmo ano, prolongando-se até 1 de Agosto de 1919. Cf. BARREIROS, Eduardo e BARREIROS, Luís- *I Guerra Mundial (1914-1918), Censura postal e telegráfica em cabo Verde e Censura Postal na Guiné Portuguesa*, pp. 5 e 14. in [http://www.cfportugal.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=173](http://www.cfportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=173). [Consulta realizada em 02/06/2011].

receber o novo endereço<sup>36</sup>. Por este bilhete, ficamos a saber que a irmã iria receber quatro cartas.

Nesta fase, o discurso centra-se nas memórias da terra, nas lides agrícolas, destacando a faina das vindimas, o imaginário do mundo rural. O fluxo não exhibe regularidade. Aumenta rapidamente, com onze postais escritos em Outubro, expedidos para os irmãos referidos. Se Cosme informa que remeteu quatro cartas, também confirma a recepção de «...bastante correspondência... Havia quinze dias que não recebia cartas, a não ser as que aqui estavam no batalhão ou que ainda andem a viajar».<sup>37</sup>

Gerir o tempo da escrita, era importante para manter uma comunicação permanente. A cultura epistolar das trincheiras preenchia vazios comunicacionais e dava satisfação quando se recebia longas missivas, porque alimentava estas frágeis correntes, onde tudo o que se «diz» é importante, pois «...tudo me interessa. Não me referirei hoje a elas, pois tenho tempo de o fazer daqui alguns dias e mesmo é para haver assunto ...»<sup>38</sup>. A circulação a descoberto, com timbre, por falta de espaço e para preservar intimidades, limitava o discurso, sendo muitas vezes «telegráfico» como acontece relativamente ao irmão: «Joaquim, hoje vai postal. Amanhã irá carta. Eu bom. Como têm passado por aí? Um abraço do teu irmão...»<sup>39</sup>.

Para cultivar diariamente ligações de afecto em tempos bélicos, como era a intenção desta família, Cosme Henriques intercalava cartas, onde dava nota mais detalhada da vida militar ou endereçava cartões por outras vias, evitando exposição do conteúdo e contornado a censura. A escrita era simultaneamente uma obrigação e uma necessidade.

A mobilidade de mancebos ao serviço do exército, só por si, obrigava ao reforço dos contactos. Os próprios actores da correspondência, para se libertarem dos cenários bélicos, usavam compulsivamente papel e caneta evadindo-se destes quadros.<sup>40</sup> Mas muito correio desencontrava-se porque o próprio CEP não assumia uma atitude de fixação permanente de todos os militares, num mesmo sítio, originando a perda de

<sup>36</sup> Postal marcado pela censura, datado em «*França a 1-8-917*», folha 20, A.

<sup>37</sup> Joaquim, França a 11 de Novembro de 1917, folha 4, C.

<sup>38</sup> *Idem*, datado em França a 20 de Dezembro de 1917, folha 4, C.

<sup>39</sup> Postal com sinal de censura, endereçado a Joaquim, datado em França a 5 de Setembro de 1917, folha 16, A. Outro exemplo, ao dirigir-se à Maria. «...*prometi, de ora avante, escrever todos os dias, quero ver se o consigo fazer...*». Folha 15v, D.

<sup>40</sup> «*Maria, prometi oferecer todos os dias e assim vou começar a fazer. Tenho ultimamente escrito só postais. O tempo que faz actualmente aqui recorda-me imenso Alquerubim. Eu fino. Um grande abraço do teu irmão Cosme Lemos*» Folha 15v, A. Certamente, muito deste correio não chegou aos dias de hoje, tendo sido, provavelmente, conservados os bilhetes mais apreciados pelo valor pictórico do que pelas mensagens transmitidas por tinta.

cartas ou a demora na entrega<sup>41</sup>, e ainda devido ao volume elevadíssimo de bilhetes circulados. Para alimentar diariamente estas ligações, os interlocutores procuravam alternativas comunicacionais, presenteando com peças de colecção remetidas espaçadamente. Mesmo assim, depressa se esgotavam as temáticas, chegando mesmo a transmitir-se pouco mais do que palavras de saudação. A carta era a rainha das escritas, mas o bilhete-postal alimentava a rede e mantinha os elos de tinta em permanente circulação, sendo usados para sustentar o contacto diário entre os tempos das epístolas<sup>42</sup>.

Responder a pequenas mensagens, comunicar a recepção de alguma carta, uma encomenda ou lembrar o envio de jornais e outros produtos, como víveres da terra, era mais rápido por esta via. No caso, ao irmão Joaquim é pedido: «não te esqueças de me mandares os jornais ...»<sup>43</sup>.

A vontade de avivar esta cadeia comunicacional, escrever compulsivamente até à recepção de uma carta<sup>44</sup>, transportava o militar para os imaginários de preocupação da família que desejava saber do seu rapaz, o irmão e ou filho. A falta de resposta também cria aflições nestes membros do exército<sup>45</sup>, especialmente no momento da distribuição da correspondência, originando um quadro de melancolia e angústia por não ser correspondido e por não saber da saúde dos pais, «como é triste ver os meus companheiros a receberem e eu nada. Espero hoje, amanhã... alem... assim se vam passando os dias e eu vivendo de esperanças. Oixa lá que não morra de ilusões...Tenho estado em cuidado por causa da saúde da Mãe, há tanto tempo que não sei nada»<sup>46</sup>.

Alimentar estas teias de palavras era importante, por elas podiam saber «sempre coisas...», mensagens telegráficas de casa, dos amigos, da terra, do que acontecia, inteirar-se sobre a evolução das fainas agrícolas ou sobre acidentes com vizinhos.

<sup>41</sup> «Tem este por fim dizer que não escrevem para a minha pessoa sem eu mandar nova *direcção*, pois espero mudar. Antes quero estar sem noticias alguns dias do que se perca uma carta». Joaquim, «França, 8-10-17». Folha 16v, B.

<sup>42</sup> «Continuo a escrever postais até que receba carta daí ou arranje assunto para encher uma. Eu fino. Que lindos dias tem feito aqui.» Joaquim, em 24 de Setembro de 1917, folha 20, C.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>44</sup> A correspondência postal, além de mais económica, era mais célere e uma carta normal percorria este espaço em cerca de oito dias, como vem anotado nestes bilhetes «...*Chegadinha de fresco tenho uma carta tua de 21/11 que deveras agradeço. Que tempo costuma levar a correspondência a chegar daqui aí? A nossa leva agora sete e oito dias*». Dulce, França, 29-11- 1917, folha 15, D.

<sup>45</sup> A maioria da correspondência atesta a falta de resposta das cartas endereçadas pelos expedicionários, assim como o atraso na distribuição, como sublinha MARQUES, Isabel Pestana –*Das Trincheiras com Saudade, A Vida Quotidiana dos Militares Portugueses na Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2008, p. 253.

<sup>46</sup> Folha 3v, C., postal para a irmã Maria, circulado sem selo e datado de «França, 25-9-17» Trata-se de uma representação de dois militares belgas de ambos os sexos.

O reforço das notícias vinha através da imprensa, jornais enviados pelos irmãos.<sup>47</sup> O dia-a-dia do lar também interessava aos jovens exilados na guerra. Numa época de boas safras, pretendia-se saber das colheitas, sobre as quais ninguém transmitiu uma palavra, o que deixava o militar com mais vontade de conhecer os resultados das vindimas, assunto lembrado em vários momentos<sup>48</sup>, revelando o estado de nostalgia da aldeia.

As escritas associadas às memórias iconográficas alimentavam o gosto e o imaginário de quem recebia tais «prendas». A preocupação em sensibilizar os destinatários com novas paisagens, motivos e representações de obras de arte foi permanente. Era uma forma de celebrar a beleza e mimosear quem vivia na aldeia, mostrando-lhes que não estavam esquecidos, partilhando e difundindo a cultura de outras terras, monumentos, sejam pinturas, esculturas ou outras manifestações artísticas. Também o colecionismo está patenteado no espírito de Cosme, evidenciando-o através do envio de séries de cartões e dando nota «...começo agora a mandar esta coleção de postais, é composta de onze», endereçando-os aos irmãos, Joaquim, Dulce e Maria, mas gerindo a circulação ao longo de cerca de um mês<sup>49</sup>. Mas, a dificuldade em sustentar a escrita diarística<sup>50</sup>, devido à falta de assunto a circular a descoberto<sup>51</sup>, emerge permanentemente.

A bulimia da correspondência levava Cosme a lembrar os receptores menos dados a este ritmo de escritas<sup>52</sup>, mesmo que tivessem a consciência de que os assuntos sobre o tempo que fazia ou a carta que não se recebia eram reconhecidamente banalidades e superficialidades de uma conversa sustentada por elos de tinta<sup>53</sup>. O compromisso

<sup>47</sup> «Lá vai mais este. Como prometi escrever todos os dias quero ver se o faço. Então já acabaram com as vindimas? Esqueci-me hontem dizer que fiquei bastante impressionado quando li no jornal que tinha havido um incêndio em casa do Brito.» Maria, folha 7,C, datado em «França, 3-10-17». Um trevo, 2 malmequeres e 3 rosas formam o quadro pictórico.

<sup>48</sup> «Como todos que me teem escrito, talvez por lapso nada me disseram dos teus afazeres vinícolas e vitícolas venho por este meio rogar te que me digas qualquer cousa...». Folha 10v, A, postal dirigido à prima Maria Eduarda, datado em «França, 7-10-917».

<sup>49</sup> Esta gestão da surpresa ocorre entre 16 de Setembro e 11 de Outubro, sendo os últimos seis enviados diariamente no mês de Outubro. Ao mesmo tempo, escreve outros postais no mesmo dia para os irmãos.

<sup>50</sup> «Eu tenho escrito todos os dias ou quase todos». Maria (irmã) Folha 4v, D. «França 10-11- 917».

<sup>51</sup> «Digam sempre cousas, quando não tenham assunto para carta serve mesmo um postal com vistas dessas terras vizinhas, ou de Alquerubim, caso os haja ainda». Maria, Folha 4v, D «França 10-11- 917».

<sup>52</sup> «Basta de tanto mutismo da tua parte. Que é feito daquelas cartas a que eu chamava “Cartas – Jornais” com que me mimoseavas ao princípio?» Folha 31, D «França 7-11- 917», dirigida ao irmão David, que parece esmorecer nas escritas de longos testamentos ou “jornais”, como o Cosme os identifica.

<sup>53</sup> «Cá vai esta para não faltar as frases. Mas que grande crise de novidades que há aqui. Por mais que pense não me lembro de cousa alguma que possa interessar. Que chove e que nem, não é de admirar, pois estamos no inverno, o contrário é que o seria. O David já não me escreve há tempo...» Folha 4, A. Postal da coleção *Les Femmes Héroïques* enviado à irmã Maria em «França 8-11- 917».

de passar ao papel diariamente algumas letras transformava-se num dilema porque nem tudo podia ser dado a conhecer, pois o segredo de guerra a tal obrigava. Mesmo assim, a escrita era o melhor lenitivo para estes militares em tempo de guerra, funcionando como um diário circulado.

A temática centra-se, numa primeira fase, no impacto provocado na aldeia pela ausência dos jovens. Cosme desejava saber como ia a vida em Alquerubim<sup>54</sup> e como passavam os tempos de lazer sem a presença do jovem<sup>55</sup>. A alteração dos momentos de ócio decorria da falta de mancebos, entretanto incorporados no CEP, para cumprimento do serviço militar obrigatório. Sendo as irmãs, quase sempre, os interlocutores de Cosme, não deixa de ser surpresa o conselho para que elas, as jovens, na ausência dos rapazes, mantenham os tempos de lazer, como os serões, sugere o irmão<sup>56</sup>, para que não vivam martirizadas com a guerra e tenham momentos de prazer e alegria.

Se pouco ou nada era dito sobre o dia-a-dia da guerra, obrigava-se a inventar assunto capaz de sustentar as «conversas» de correio. Por vezes recorria à notícia do caricato, da existência de colegas que ressonavam<sup>57</sup> ou de jornais recebidos sem um papel a contar novidades<sup>58</sup>. Perante tais observações, a vida em tempo de guerra para estes militares parecia ser monótona, sem preocupações, como se estivesse em gozo de férias, era o que se fazia crer na correspondência do alferes que estava no centro de censura da correspondência.

A saúde mental dos militares, que passavam noites a ouvir histórias contadas pelos colegas ou perturbados com algum ruído, tinha como sedativo a obsessão pela comunicação escrita. A vontade de lançar mão ao papel era indomável e compulsiva. A angústia de uma carta que não se recebia, um jornal que não era despachado, um simples cartão que não chegava às suas mãos, certamente por defeito dos correios, tudo preocupava Cosme, porque também se questionava se eram os irmãos que estavam «a escrever pouco», sinal de algum desinteresse! Afinal, bastava endereçar

<sup>54</sup> Freguesia do concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Aveiro, terra de naturalidade dos emissores destas escritas da Primeira Guerra Mundial.

<sup>55</sup> São poucas e parcimoniosas as referências à vida militar, pois pretendia apenas saber como estavam os seus familiares e como passavam os tempos de juventude na ausência deste jovem. Mesmo assim, transmite à irmã Maria que acabou «... *de vir de um pequeno serão. São dez horas da noite...*», continuando com as impressões sobre a vida doméstica em França, sendo «*uma beleza ver como está limpa uma cozinha aqui. Que bons fogões! Aos sábados fica tudo a luzir. Agora uma cousa contribui para que tudo possa estar limpo: os fogões são de carvão e não de lenha*», havendo mesmo diferenças nas «*.. camas francesas [que ] são tão boas*» Maria, Folha 11v, A, em «*França 1-12- 917*».

<sup>56</sup> «*As novidades aqui não abundam, não sei se outro tanto por ai sucederá...em que passam agora as noites? Dormindo uns, lendo outros, passando a ferro, outras, e no fim se houver castanhas...*» Dulce, Folha 11v, A, «*França 1-12- 917*».

<sup>57</sup> «*Que dois colegas meus ressonam que é uma beleza ouvi-los*». David, «*França 7-11- 917*», Folha 31, D.

<sup>58</sup> «*O que eu estranhei foi receber só os jornais sem uma única carta em postal, talvez venham amanhã. Eu sei que as novidades escasseiam...*» Joaquim, datado em «*França 7-11- 917*», Folha 3, D.

um cartão com uma paisagem da terra<sup>59</sup>. Cosme era insistente, perguntando às irmãs sobre motivo do silêncio do David de quem não recebia notícias com a cadência desejada, nem resposta ao correio enviado<sup>60</sup>.

Na procura de temas, faz alusão à dieta do almoço «...jantar de ervilhas, com frango, canja, croquetes não sei de quê, e no fim arroz doce»<sup>61</sup>, pouco tempo antes do fim da missão, e promete enviar uma lista das ementas, forma de sossegar a família, pois em tempo de guerra a alimentação era boa e sem privações, reforçava o militar.

Destas ligações, Dulce emerge com impacto no número de recepções, semelhante à do Joaquim, com perto de três postais por mês, e a irmã Maria com uma média pouco superior a dois. Entre o espólio analisado, o volume tem mais dinâmica no último trimestre de 1917, mas os meses de Fevereiro, Abril, Junho e Julho do ano imediato aproximam-se daqueles indicadores, considerando uma média de cerca de dois bilhetes-postais por semana, geridos e distribuídos pelos irmãos de casa: Dulce, Joaquim e Maria. O David, já casado, o filho deste e outros receptores não identificados figuram neste quadro com poucos postais conservados neste espólio, o que não significa ausência de comunicação, bem pelo contrário e a avaliar pelo teor de alguns textos. Em Dezembro de 1917, as escritas sumárias têm como primeira função saudar e augurar boas festas<sup>62</sup>, tendo sido gizadas maioritariamente entre o dia vinte e um e o fim do ano. Estes bilhetes, desde Julho de 1917 a 10 de Setembro de 1918, patenteiam uma relação com papel e tinta para exorcizar a solidão em tempo de beligerância, ligando-se virtualmente aos de casa e sustentado os laços com correntes de letras, escrevendo cartas mais espaçadamente e intercalando o fluxo com postais. Assim ficava garantido o fluxo permanente de notícias, pois a síndrome da morte era angustiante. A família e os amigos necessitavam destas letras em tempo

<sup>59</sup> «*Ou é demora nos correios ou então estão-me a escrever muito pouco. Quando o assunto não abunda basta um simples bilhete, com as vistas da região*» Dulce, Folha 13, A, postal, datado em «*França 21-11- 917*».

<sup>60</sup> Sabemos que se corresponderam por carta, mas deste irmão apenas há dois bilhetes endereçados pelo Cosme, conservados neste espólio, onde diz claramente que «*basta de mutismo da tua parte...*», dirigindo-se ao David. «*França 07-11-917*», folha 31, D. Noutro postal datado em «*França 28-1- 918*», folha 24, D, acusa a recepção de uma foto do sobrinho, Henriquito, filho do David. Faz ainda menção à qualidade de oficial e agradece uma encomenda «... *que trazia duas garrafas de vinho branco*».

<sup>61</sup> A abertura evidencia uma prática de escritas que pretende sustentar, dizendo «*ai vai este para não ficar calado e alem disso como é princípio de mês é para ver se começo bem...*». Maria a 1 de Julho de 1918. Folha 17v, D.

<sup>62</sup> «*Ai vai este a pressa. Com um grande abraço envio as Boas Festas a toda a minha Santa Família. Espero que passem o Natal bem embora eu aí não esteja, nada de tristezas que eu aqui farei o mesmo*», dirigida à Dulce em «*França 19-12- 917*», Folha 2, D. «*Então como passaram o Natal? Aborrecidos por eu aí não estar? Se assim foi fizeram muito mal.*» Dulce, Folha 15, C. «*França, 26-12- 917*». A mensagem repete-se, agora em escritas para a Maria, «*França, 31-12- 917*» Folha 15, A. «*Então como passaram aí o natal? Se calhar aborrecido por eu aí não estar. Se tal aconteceu fizeram muito mal. Na véspera de natal tive uma ceia (...) que durou até à uma hora da manhãzinha*».

de guerra, cujo mote consistia em conhecer o estado dos rapazes, saber se iam bem, se tinham de saúde e que nada lhes havia acontecido. Com estas formas de sociabilidades conferiam coesão familiar, davam apoio moral e psicológico, desviando os pensamentos para as memórias da aldeia, para as gentes, as paisagens enviadas nestes rectângulos de cartão.

Era necessário passar estas memórias ao papel, mesmo que não houvesse tempo, pois a mensagem da frente e do verso, por vezes, arquitectam um todo e bastava o gesto do endereçar. Mesmo que fossem «letras telegráficas» ou minimalistas<sup>63</sup>, eram sempre muito apreciadas. Dizer que «tudo está na mesma... não sei que escrever ... estamos bem, graças a Deus» faz da saúde o assunto principal, mesmo sem novidades, pois a integridade física era o mais importante, era a maior preocupação de todos.

Esquecer o quadro de perigo, sem falar do ambiente bélico, «não sei que dizer», transmite-se que se está lá e que nada de grave aconteceu ao emissor. Este contacto é fundamental para dar a conhecer a desgraça dos outros, de um colega baleado, feito prisioneiro ou morto em terras de França. Para contornar as dificuldades comunicacionais, estes actores anunciavam a recepção de uma encomenda de víveres, que fazia as delícias dos camaradas, como «uma lata de chouriços... castanhas e vinho...», tudo partilhado com os oficiais. A referência à correspondência epistolar trocada com o núcleo familiar emerge, frequentemente, dos bilhetes que tinham, por vezes, a finalidade de acusar a recepção de alguma carta «chegadinha de fresco...»<sup>64</sup>.

A preparação de uma epístola era cuidadosa e demorada. Pensada ao longo de algum tempo, abarcando temas variados. Não se limitavam a uma folha, tinham várias páginas, o que era apreciado por ser semelhante a um «jornal», quando era «uma carta realmente grande», cheia de notícias, onde a vida da aldeia era dada a conhecer em pormenor, juntamente com algumas novidades, como as eleições locais e a morte de algum conterrâneo, mas estas «são sem dúvida bem tristes», registava Cosme<sup>65</sup>. Os exercícios de escrita transformavam-se em calmante para o jovem militar que prometia escrever ao ritmo de cada dia, como se estivesse a reunir as memórias<sup>66</sup>, preparando temas para cartas longas, sem abordar em concreto a problemática do

<sup>63</sup> «*Bôa Dulce. Vai este a pressa, simplesmente para ai não estarem sem notícias minhas. Hoje escrevi também ao primo Delfim carta. Eu fino. O Victorino encontra-se agora por uns dias perto de mim. Também continua fino. Amanhã vai carta. Cosme*». Folha 13v, B, «*França 29-12- 917*».

<sup>64</sup> Dulce, 29-11-1917, Folha 15, D.

<sup>65</sup> Maria, 21-12-917, folha 2, B.

<sup>66</sup> A preocupação em estar permanentemente com o papel e tinta para comunicar não é uma excepção entre os militares, em tempo de guerra. O mesmo pode ver-se em GODINHO, Vitorino Magalhães, *Correspondência da Grande Guerra*, o. c.

conflito, mas exorcizando-o<sup>67</sup>. Por vezes, depara-se com o «drama» da resposta a todos, quando lhe chegavam às mãos, e ao mesmo tempo, várias missivas, ficando sem saber «...por onde começar» porque, sublinha, tinha «...tantas cartas a que me referir». <sup>68</sup> As principais inquietações estão associadas à necessidade e à obrigação imposta pelo próprio autor junto dos familiares, dando indicadores de boa saúde, sem o referir expressamente, mostrando que a integridade física estava conservada, não tinha sofrido consequências directas da guerra, não estava internado no hospital, não fora feito prisioneiro, nem estava ferido e passava bem e até estava mais gordo. Com frequência, fazia menção a este quadro, referindo-o laconicamente com a expressão: «eu fino». Nestes bilhetes, recorrentemente, sublinha a preocupação com a família nuclear, por não querer «que fiquem sem notícias minhas. Logo ou amanhã escrevo carta e carta longa, pois espero ter mais vagar»<sup>69</sup>.

O exercício com o papel exigia tempo e criatividade para «inventar» temáticas capazes de saciar a satisfação de quem esperava em casa pelas letras da guerra. Tais contactos eram uma necessidade e uma obrigação, mesmo que se enviasse um postal quase vazio de palavras. A imagem era a novidade, um gesto de reconhecimento, algo que se oferecia e continha uma mensagem. Na verdade, logo que recebia correio, Cosme deitava mão a um rectângulo de cartão e confirmava o acto, agradecendo estas dádivas fraternais<sup>70</sup>. Devolvendo de imediato uma carta ou postal<sup>71</sup>, o próprio militar impõe a dinâmica das escritas da guerra<sup>72</sup>, exigindo retorno de quem recebeu os «presentes ilustrados». Para que os familiares tomem conhecimento do fluxo de correio, faz menção à ausência de comunicação com os de casa. Cosme vai mais longe, para fazer prova da falta de resposta dos irmãos, organiza uma tabela de recepções, «só a título de curiosidade para poderem ver se tem havido extravio de correspondência...», e exhibe-a para validar os pedidos de epístolas aos irmãos menos acostumados ao ritmo destas correntes timbradas<sup>73</sup>.

<sup>67</sup> Se há colegas que se manifestam abertamente nos bilhetes, Cosme não toca neste assunto, embora faça menção à actividade de censura de cartas.

<sup>68</sup> Maria, 27-10-17, folha 10, A.

<sup>69</sup> Joaquim, 27-11-17, folha 16v, D. Desconhecemos, neste momento da investigação, se o espólio epistolar está disponível para estudo, mas ficámos a saber que nestas correspondências havia descrições pormenorizadas do modo de vida dos franceses e de outros temas relacionados com a agricultura «*Quero mesmo continuar com a descrição agrícola, que há tempos comecei*».

<sup>70</sup> Dulce, folha 15, D. «França, 29-11-917.... *Chegadinha de fresco tenho uma carta tua de 21/11 que deveras agradeço*».

<sup>71</sup> «*Recebi hoje uma carta tua com a data de 27-6 que muito agradeço, pois havia já uns dias que não tinha correspondência*». Dulce, 5-7-918, folha 16, D.

<sup>72</sup> «*Há tempo já que não recebo notícias vossas e há uns dias que também não tenho escrito. Fica por isso uma coisa pela outra*». Joaquim, 25-7-918, folha 12, C.

<sup>73</sup> Joaquim, 4-2-1918, folha 2v, B. Este quadro foi enviado através de um postal endereçado ao irmão Joaquim, donde o inferimos que até 4 de Fevereiro de 1918, tinha recebido 94 peças, entre cartas e

Os protestos eram frequentes, quando estava uns dias sem notícias. Tentando compreender a demora, reforçava o contacto com uma nota a lembrar: «há uns dias que não recebo correspondência vossa, talvez devido ao correio...»<sup>74</sup>, transmitindo-a primeiro à Dulce, e mais do que uma vez<sup>75</sup>, em Março de 1918; depois ao Joaquim, repetindo o discurso e mostrando-se amargurado, embora pareça realizado um compromisso por escrever, embora não fosse correspondido ao ritmo desejado. Não era fácil assegurar as frágeis ligações de papel, devido à falta de temas para sustentar uma escrita quotidiana<sup>76</sup>. Mesmo assim, ele, num estado de ânsia por reforçar a cadeia de contactos, pede que o compreendam<sup>77</sup>, mas continua a demandar por cartas longas, quando o próprio se diz com dificuldades para alimentar estes diários familiares, transmitindo-o à Maria, em finais do ano de 1917. Todavia, para responder a todas as questões colocadas, exige tempo para a cerimónia da escrita, porque «tem muito que se lhe diga» e a resposta não cabe num bilhete<sup>78</sup>. Surpreendente é a celeridade com que comunica a felicidade ao receber correio, quebrando a solidão, especialmente quando lhe endereçam uma dezena de páginas cheias de novidades<sup>79</sup>, com as notícias sobre a vida na aldeia<sup>80</sup>.

A primeira preocupação do jovem consistia em transmitir sossego à família e dar a saber que o canal de comunicação funcionava. Também deitava mão a algum telegrama<sup>81</sup> para fazer chegar uma palavra de tranquilidade a casa, pedindo posteriormente confirmação da entrega deste elo comunicacional.

Sempre que a temática de conversa se esgotava, devido à permanente permuta de escritas, e as notícias eram insuficientes para encher uma epístola, recomendava o uso de cartões ilustrados. Ele mesmo recorria aos bilhetes, porque «o assunto é tão pouco que me custa a encher um postal»<sup>82</sup>. Como solução, para alimentar estas pontes, fazia

---

postais, sendo 29 do Joaquim, 18 da Dulce, 20 da Maria José, tendo esta irmão e a Dulce escrito ainda 10 bilhetes. O David aparece com um contributo reduzido de 3 missivas. Cf. Joaquim, 4-2-1918, folha 2v, B.  
<sup>74</sup> Dulce, 11-3-1918, folha 13, D.

<sup>75</sup> *Idem*, 28-3-1918, folha 1v, A.

<sup>76</sup> «O melro canta e assobia, mas não sei se com alegria. Ainda hoje te não posso escrever carta e mesmo o assunto é tão pouco que me custa a encher um postal». Joaquim, 14-3-1918, folha 20v, D.

<sup>77</sup> «Se algumas vezes me queixar de não receber notícias vossas, não é por mal, pois eu bem me lembro do que aí se passa em casa, que trabalho nunca falta». Maria, 21-12-1917, folha 2, B.

<sup>78</sup> «A tua carta tem muito que se lhe diga, por isso não poderá levar a resposta neste simples postal. Quando puder te escreverei carta». Dulce, França, 5-7-1918, folha 16, D.

<sup>79</sup> «Acabo de receber uma carta tua de nove do corrente, que muito agradeço e é caso para isso pois é uma carta cheia». Maria, França 17-8-1918, Folha 9, B.

<sup>80</sup> «Ontem escrevi ao David, que me presenteou com uma carta com dez páginas (papel comercial). Um verdadeiro jornal, Aparece poucas vezes, mas quando aparece vem comme il faut». Dulce, 25-5-1918, folha 15v, C.

<sup>81</sup> «Continuo a não receber correspondência, e outro tanto talvez vos acontecerá, o que é para lamentar bastante. Devem ter recebido um telegrama meu, não é verdade?» Dulce, 3-5-1918, folha 17v, C.

<sup>82</sup> Joaquim, 14-3-1918, folha 20v, D.

propostas de temas a tratar entre os irmãos, sugerindo assuntos de «conversa» para «ver se posso escrever amanhã carta longa»<sup>83</sup>. Não deixa de nos surpreender; umas vezes diz-se preocupado e triste por ver os camaradas a receber correspondência, outras promete redigir diariamente e outras ainda solicita compreensão por não cumprir quotidianamente o que fora acordado com os irmãos, justificando-se com as ocupações ou mesmo com a preguiça que o atacava<sup>84</sup>.

Na verdade, a análise a estes bilhetes-postais mostra-nos que ao longo do período de permanência em França, em todos os dias de mês há registos de postais, como as datas o provam, fazendo uma distribuição organizada, calculada e compassada, respondendo a cada irmão em momentos diferentes e muitas vezes transmitindo a todos a mesma mensagem. Noutras situações, opta por endereçar no próprio dia, repetindo o texto e variando a iconografia dos suportes.

Nesta dinâmica de cultura epistolar das trincheiras entraram amigos, vizinhos, madrinhas de guerra e outros colegas de armas<sup>85</sup>. Quando algum conterrâneo, a quem enviava correspondência, não dava sinais de vida, perguntava aos de casa se havia notícias sobre a pessoa em causa, que não respondeu a uma carta<sup>86</sup>. Se os irmãos insistiam em «esticar» a corrente das mensagens, demorando-se na resposta, Cosme pagava com a mesma moeda, pois ele mesmo também não tinha dado réplica, equilibrando o fluxo, pelo que «fica por isso uma coisa pela outra», transmitia ao Joaquim<sup>87</sup>. Surpreendente é o gesto cavalheiresco, quando alguém o mimoseava com estas prendas de papel; acusava a recepção e dava nota que responderia de imediato<sup>88</sup>, especialmente quando se tratava de epístolas, pois proporcionavam momentos de leitura ao longo de dias, comparando-as um jornal ou um escrito ficcionado. Sempre preocupado com estas correntes, não deixava de informar sobre as datas de emissão e recepção, avaliando assim a eficiência dos correios<sup>89</sup>.

---

<sup>83</sup> Dulce, 11-3-1918, folha 13, D.

<sup>84</sup> «Não tenham nunca receios mesmo que estejam algum tempo sem notícias minhas. Muitas vezes é devido a ter algumas coisas a fazer, outras é a preguiça que me ataca». Dulce, 28-3-1918, folha 1v, A; «Há três ou quatro dias que não escrevo. Não é por falta de saúde, felizmente». Maria, França, 18-7-1918, folha 16, A.

<sup>85</sup> A correspondência emitida de França foi dominada por soldados de pré, comunicando com o sexo feminino e camaradas do CEP aprisionados, mas o mundo civil também tem aqui um lugar digno de nota, onde os familiares, amigos e namoradas têm o espaço próprio. MARQUES, Isabel Pestana –*Das Trincheiras com Saudade, A Vida Quotidiana dos Militares Portugueses, o. c.*, pp. 240-241.

<sup>86</sup> «Que é feito do Delfim Mel. Está em Albergaria? Escrevi-lhe há tempo e ele não me respondeu». Dulce, 28-3-1918, folha 1v, A.

<sup>87</sup> Joaquim, 25-7-1918, folha 12, C.

<sup>88</sup> Dulce, 17-4-1918, folha 20, A.

<sup>89</sup> «Recebi hoje uma longa carta tua escrita na escola. Tem a data de dezassete do corrente, pelo que se vê que os correios daí para cá, já funcionam regularmente» Maria, 23-4-1918, folha 20v, C.

Se Cosme começava a espaçar as ligações ou se as missivas se atrasavam, a família entendia os silêncios como um mau presságio, evidenciando sinais ansiedade. É perante este sentimento de insegurança dos irmãos que o militar reforçava o caudal do papel ou, porque não tem «escrito quase todos os dias», prometia que se esforçaria para comunicar diariamente por correio<sup>90</sup>. Cosme tem consciência do drama para os familiares, por nada saberem dele durante alguns dias, quando soldados tombavam na frente da guerra<sup>91</sup>. Era perante este conflito de obrigações que sentia o dever de alimentar a ponte de papel, reconhecendo que «tinha escrito pouco há dois dias», diz aos irmãos<sup>92</sup>. Eram escritas obrigatórias, acordadas com todos antes da partida para a guerra.

A rede era alargada e proporcionava uma ligação permanente através do correio trocado entre parentes, amigos e conhecidos<sup>93</sup>, cujas notícias iam retransmitindo entre todos. Por vezes, chegavam maços de várias epístolas num só dia, tal era a dinâmica dos fluxos, a avaliar pelo teor de alguns bilhetes-postais<sup>94</sup>. Se os militares recorriam frequentemente ao uso de cartões ilustrados, na resposta tinham cartas e postais de várias jovens da terra<sup>95</sup>. O uso de bilhetes era a solução para comunicar com eficiente, podendo mesmo suplantar a celeridade de um simples telegrama, no entender do autor destas mensagens<sup>96</sup>. Mas, se havia uma teia comunicacional, cruzando informações de todas procedências, os militares nem sempre tinham conhecimento do que ia ocorrendo com outros camaradas, especialmente quando eram feitos prisioneiros<sup>97</sup>, o que consternava colegas e amigos, quando os elos destas amarras eram quebrados pela acção do inimigo beligerante.

<sup>90</sup> «*Eu tenho escrito quase todos os dias para aí, e visto estarem com tantos cuidados hei-de ver se posso escrever todos os dias*». Maria, 23-4-1918, folha 20v, C.

<sup>91</sup> Ilustramos com o caso do Major Xavier da Costa, vianense dado como morto, por quem a família fez orações fúnebres «*rezaram missas, fizeram ofícios... e vestiram de luto*». PAÇO, Afonso – *Cartas às Madrinhas de Guerra*, o. c., p. 127.

<sup>92</sup> «*Eu bem continuo a não receber notícias vossas, outro tanto nos acontecerá. Talvez o que é muito pior. Tenho escrito pouco há dois dias mas agora vou continuar*». Joaquim, 1-5-1918, folha 4, D; «*Recebi hoje uma carta tua com a data de 27-6 que muito agradeço, pois havia já uns dias que não tinha correspondência*». Dulce, 5-7-1918, folha 16, D.

<sup>93</sup> «*Do Beta sei que esta bem, pois ainda ontem recebi carta dele*». Dulce, 3-5-1918, folha 17v, C.

<sup>94</sup> «*Dulce, acabo agora mesmo de receber uma carta tua e outra da Maria Alice*». IDEM, 4-5-1918, folha 9v, A.

<sup>95</sup> «*Recebi também carta da Amélia e dois postais da Ester*». Dulce, 19-6-1918, folha 13v, A.

<sup>96</sup> «*Há já alguns dias que eu não escrevo, no entanto mandei um telegrama, que é capaz de chegar aí depois deste*». Dulce, 26-5-1918, folha 6v, D.

<sup>97</sup> «*A notícia que o Raul tinha ficado prisioneiro até me fez doído*». Joaquim, em 06-06-1918, folha 2v, A; «*Acabo de receber uma carta da Amelia, em que me fala do Raul, mas não muito satisfatoriamente. Pobre Raul! Com franqueza estou tão aborrecido com tudo isto que nem sei o que te hei-de dizer*». Postal endereçado à irmã Dulce, 15-7-1918, folha 12v, C; «*Mal calculas como tenho andado aborrecido por causa do nosso bom Raul. Eu aqui vi tanto como você vê aí*». Dulce, 26-5-1918, folha 6v, D.

## OS SILÊNCIOS DA GUERRA E DA MORTE

Estamos perante escritas banais, do não dito, da cautela e até de certos «fantasmas», onde a guerra não estava visível. O autor limita-se a informar a família que se encontra bem, de saúde, para evitar estados de ansiedade e angústias aos pais e irmãos. Se alguns bilhetes foram mandados a descoberto, devidamente timbrados, outros circularam em sobrescrito fechado, considerando a ausência de selos e carimbos. Com esta estratégia haveria mais facilidade de contornar a censura<sup>98</sup>. Quando os postais foram enviados pela via normal, com endereço do destinatário, as mensagens patenteiam um teor minimalista, como se fossem codificados, pois estavam à disposição de leitores indesejáveis, que facilmente acediam ao conteúdo do texto. Alguns exibem, além dos selos devidamente batidos, o sinal da censura, como referimos<sup>99</sup>. O mesmo acontece com o bilhete representando o primeiro encontro de Vinicius com Lígia, numa cena de «Quo Vadis», onde a temática do amor está patenteada por Lígia a desenhar um peixe no chão com uma vara. Como outros casos, também aqui actuou a vigilância, deixando o sinete da «censura 34». Cosme tinha-se limitado a transmitir que se encontrava bem, indicando que deviam continuar a escrever para o endereço «antigo». Depois refere-se ao colega Raul, dando conta que este conterrâneo também estava de saúde<sup>100</sup>.

Num cartão com mensagem parcimoniosa, a informar que enviava um bilhete naquela data e que seguiria carta no dia seguinte, apenas diz «Hoje vai postal, amanhã vai carta. Eu bom, como têm passado aí?», despedindo-se com um abraço. Este foi marcado pela censura<sup>101</sup>. Num momento em que o militar tem dispensa de serviço para vir a Portugal, escreve ao chegar a Hendaya, dizendo «eis-me a caminho de Portugal, mas não sei quando aí chegarei. Tenho andado gozar por essas terras além. Até qualquer dia». Este postal foi interceptado no Porto e também recebeu o batimento da censura<sup>102</sup>.

<sup>98</sup> O Corpo Expedicionário Português tinha ao dispor do exército correio gratuito, através de postais impressos onde o militar se limitava a escrever o endereço e a «*riscar as frases inúteis*» dando informação para a família: «*estou bem, estou no hospital, estou melhor*», conforme o caso específico. Era uma escrita redutora e de comunicação minimalista. Ver exemplos em AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos de Matos – *Portugal e a Grande Guerra*, o. c., p. 364.

<sup>99</sup> Dulce. «*França, 11-8-917*», folha 8, A. Cosme, a 13 de Julho de 1917, enviou à irmã postal com estétua de «*Vénus de Milo*», onde pouco ou nada dizia, fazendo apenas referência à conservação urbana de Paris, como quem quer dizer algo diferente e sente que está a ser vigiado, usando mesmo as reticências com o «*etc, etc...*» No reverso foi marcada a passagem pela *censura n.º 53*, a 21 de Julho; Sobre legislação relativa à censura na República, ver BARREIROS, Eduardo; BARREIROS, Luís – *I Guerra Mundial (1914-1918)*, *Censura postal*, o. c.

<sup>100</sup> Maria P. Lemos, 13-7-1917, folha 7v, B.

<sup>101</sup> Joaquim, 5-9-917, folha 16v, A.

<sup>102</sup> *Idem*, França, 30-8-1918, folha 12v, C. O verso apresenta uma paisagem dos Pirenéus, da temática «*les sites de France, par Eug. Bourgeois*», Pyrénées, s. II, n.º 8.

A vigilância sobre as escritas pode explicar a mobilidade de cartões sem portes, despistando a atenção dos censores, com recurso ao sobrescrito como se de uma carta se tratasse. Cosme não só tinha conhecimento da acção da censura como ele próprio intervinha nestes policiamentos que, segundo o próprio, eram uma actividade desgastante, provocando «dores de cabeça», tal era a dificuldade para ler correspondências cuja caligrafia era «pior que chinês», desabafava. O que mais o preocupava era a ortografia, por recear que podia desaprender de escrever, todavia entende esta actividade como um dever, pois «temos que fazer e faz-se», assumia perante os irmãos<sup>103</sup>.

Sem pretender correr riscos, não deixa de tecer uma crítica indelével ao desperdício em tempo de guerra, num dos bilhetes circulados sem acesso ao olhar indiscreto de terceiros. Fá-lo a coberto do sobrescrito, comentando o lixo produzido pelos enlatados, arame farpado, sacos de linhagem, porque tudo era enterrado, nada era reutilizado. Mas para o transmitir abertamente necessitava de uma longa carta, desabafava. Mesmo assim, deixa escapar alguma informação sobre o assunto<sup>104</sup>, evidenciando algum descuido com a mensagem.

As referências à guerra, morte<sup>105</sup> ou quadros de saúde<sup>106</sup> são indirectas e pontuais. Quanto à guerra em si, afirmava que estava livre de perigo e que, em Abril de 1918 nem ouvia «o trovoar de um canhão»<sup>107</sup>. Preocupava-se em criar um clima de sossego entre os irmãos e a família, não obstante tivesse feito referência a umas dores de cabeça e uma constipação que o deixaram de cama alguns dias<sup>108</sup>. Se as dores de cabeça são «devido ao tempo»<sup>109</sup>, bem podem estar relacionadas com efeitos da guerra química, todavia só temos como certo o facto de ter sofrido consequências

<sup>103</sup> «Hoje tenho dores de cabeça, pois acabei de censurar umas 90 e tal cartas e tu mal sabes o que isto é. Meu Deus, é pior que chinês. Eu daqui mais já nem sei escrever. São verdadeiros enganos mas enfim...». Dulce, 05-07-1918, Folha 16, D.

<sup>104</sup> «... Admiro-me como aí ainda há latas, ferros, arame, chapas de ferro zincado, sacos de linhagem, etc. Tu não calculas o que tudo isto se gasta aqui. Um dia hei-de fazer-vos uma pequena descrição de toda esta coisa, isto nos limites da censura já o sonhei. Por hoje só te digo que depois que cá estou, tenho visto enterrar milhões e milhões de latas como aquelas que tu querias. Como já vos disse come-se aqui muito doce, doce esse que vinha em latas, digo vinha e mais tarde direi a razão porquê. Depois das latas abertas e de lhe tirar o doce são queimados e, por isto, enterradas. Há verdadeiras jazidas de latas...» Maria, 17-8-1918, Folha, 9.

<sup>105</sup> «Entre as novidades que me dão algumas há bastantes tristes, principalmente mortes». Joaquim, França, 7-1-1918, folha 42, A.

<sup>106</sup> A preocupação mais vincada centra-se em torno da mãe de quem tem estado «em cuidado por causa da saúde» porque «...há tanto tempo que não sei nada». Maria, França, 24 -9-1917, folha 3v, C.

<sup>107</sup> Maria, França, 23-4-1918, folha 20v, C.

<sup>108</sup> Maria, França, 16-4-1918, folha 20v, B.

<sup>109</sup> «Não sei que mais vos hei-de dizer a não ser que estou com bastantes dores de cabeça, devido ao tempo». Dulce, França, 3-5. 918, folha 17v, C.

mais tarde. Quando recebia notícias da Alquerubim sobre o falecimento de alguém conhecido, emite opinião sobre os efeitos da guerra e da tuberculose, para quem as actividades bélicas não têm sentido e só a estupidez da «humanidade» justifica a luta de «milhares de homens que combatem uns contra os outros»<sup>110</sup>. E continua, dizendo que seria mais justo «combater esses terríveis micróbios da tuberculose»<sup>111</sup>. Em tom de alguma reprovação pelo conflito bélico, sublinha que a guerra da «humanidade» devia mobilizar-se contra as epidemias que à época provocavam hecatombes a que Portugal não esteve imune. Não deixa de sublinhar uma nota de sentimento pelo sucedido a um rapaz das suas relações sociais da mesma freguesia, o camarada Raul feito prisioneiro de guerra<sup>112</sup>. O conhecimento deste desfecho teve-o, a avaliar pela correspondência, através dos irmãos Joaquim e Maria. Mostra-se condoído e acima de tudo muito triste e «aborrecido por causa do nosso bom Raul»<sup>113</sup>, de quem pouco ou nada sabe, porque «...eu aqui vi tanto como você vê aí...»<sup>114</sup>. Este acontecimento foi de tal forma sentido que o estado de espírito descrito por Cosme resume-se nas palavras «...até me fez doído»<sup>115</sup>, tendo a notícia sido um verdadeiro choque, idêntico ao silêncio de morte sobre a morte, usando palavras de Derrida<sup>116</sup>.

Preocupava-se em saber dos amigos, colegas e mesmo «...das do Porto...» a quem não tem «...escrito por nada saber com respeito ao Raul...»<sup>117</sup>. De outros colegas, como o Beta, com quem se tem correspondido e diz «*que está bem*», recebera uma carta no dia anterior<sup>118</sup>. Num contexto bélico e de morte, nada ou quase nada transmite para casa, impondo silêncio sobre o ambiente, enterrando a realidade nas escritas quotidianas vazias de conteúdo mas ricas de imagens, como se tudo não passasse de uma estadia em tempo de férias, vivendo feliz, encontrando-se com gente da terra, convivendo com camaradas de outros países e censurando as escritas dos outros.

## NOTA FINAL

A Primeira Guerra Mundial funcionou como interface da mobilidade das escritas e o bilhete-postal foi um elo de união e consolidação de afectos transmitidos em papel e tinta, mesmo quando se pretendia informar parentes e amigos que ainda se

<sup>110</sup> Maria, França, 21-12-917, folha 2, B.

<sup>111</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>112</sup> Cremos que se trata de um prisioneiro da batalha de La Lys.

<sup>113</sup> Dulce, França, 26-5-918, folha 6v, D.

<sup>114</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>115</sup> Joaquim, França 06-06-918, Folha 2v, A.

<sup>116</sup> DERRIDA, Jacques- *La Carte Postale, de Socrate à Freud e tau-delà*. Paris: Flammarion, 2003, p. 376.

<sup>117</sup> Dulce, França, 3-5-918, folha 17v, C.

<sup>118</sup> *Idem.*

vivia. O postal permitia um contacto rápido, quando se desejava tratar de assuntos formais, obter uma resposta imediata ou comunicar com pessoas de relações mais íntimas. São variados os tipos e modelos de postais, dando origem a uma multiplicidade de coleções, quer pela tiragem reduzida quer pela qualidade do suporte, havendo mesmo algumas peças pintadas como se de um quadro em miniatura se tratasse. Através destes rectângulos de papel, falava-se do quotidiano, dos gostos, dos ambientes, transmitia-se a história das terras, modos de viver, recorrendo à imagem. Uma nova cultura circulava sobre a mulher, o folclore, as paisagens, os monumentos, a História e a vida de anónimos retratados. As escritas obrigatórias encontraram um terreno fértil para circulação em contexto de conflitos bélicos, como aconteceu com a Primeira Guerra Mundial. Uma bulimia da leitura e uma escrita compulsiva levavam os militares a corresponderem-se com colegas, amigos e simples conhecidos da paróquia, fazendo da escrita um cúmplice das relações sociais e fraternas, onde não faltam as madrinhas de guerra. Através de mensagens minimalistas mantêm uma teia de correspondências, por elas ficamos a saber que se cultivava um estilo diarista, escrevendo cartas intervalados por bilhetes-postais.

Devido à censura, não era fácil alimentar as pontes de papel ao ritmo diário. Falava-se de nada, do tempo e pedia-se novidades da terra. Com estas correntes de papel comunicavam e asseguravam as ligações entre a frente da guerra e a aldeia. Bastava informar que se estava bem de saúde. As letras da guerra eram uma necessidade e um meio para se evadirem da realidade, dos problemas vividos neste cenário de conflito, onde as palavras sobre a guerra e da morte pareciam proibidos.

## BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos de Matos (2010) – *Portugal e a Grande Guerra, 1914-1918*. Lisboa: QuidNovi.
- BARREIROS, Eduardo; BARREIROS, Luís – I Guerra Mundial (1914-1918), *Censura postal e telegráfica em cabo Verde e Censura Postal na Guiné portuguesa*, in [http://www.cfportugal.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=173](http://www.cfportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=173), [consultado em 02 de Junho de 2011].
- BRANCO, Jorge (2006) – *Estações ferroviárias Portuguesas em postais antigos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CAFFARENA, Fabio (2002) – *La Grande Guerra delle Parole: Epistolografia e Scrittura Popolari*, in SÁEZ, Carlos e GÓMEZ Antonio Castillo – (editores) *La Correspondencia en la Historia. Modelos y Prácticas da Escritura Epistolar*. Madrid: Calambur Editorial.
- CHARTIER, Roger (1991) – «Avant-propos» in *La Correpondance, les usages de la lettre au XIXe siècle*. s.l.: Fayard,
- CORREIA, Maria da Luz (2008) – *O postal ilustrado da frente ao verso: imagens mais que reprodutíveis*. Logos 29, Tecnologias e Socialidades. Ano 16, 2.º semestre.
- CORTESÃO, Jaime (1969) – *Memórias da Grande Guerra*. Lisboa: Portugália.

- GERALDO, Jéssica Camergo – *Lendo imagens e palavras: sociabilidades e afetos nas dedicatórias de retratos do acervo de José Boiteaux*. (Florianópolis 1890–1930), Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240>. [Consulta realizada em 30/12/2010].
- GIRÃO, Ivna; HONÓRIO, Erotilde (2009) – *Cartões postais e os guardiões da memória: representação da imagem urbana de Fortaleza na primeira metade do século XX*, Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba.
- GODINHO, Vitorino Magalhães (2010) – *Correspondência da Grande Guerra, Coronel Manuel Maia Magalhães*, (organização). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- JARDIM, Gabriel de Sena – *Mulheres postadas, representações do feminino em cartões-postais publicitários, (1900-1950/2000-2008)* [http://www.psicologia.ufrj.br/pos\\_eicos/pos\\_eicos/arqanexos/arqteses/gabrielsena\\_jardim.pdf](http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arqanexos/arqteses/gabrielsena_jardim.pdf). [Consulta realizada em 25/12/2010].
- LYONS, Martin (2011) – *French Soldier's Correspondence in the First World War and the Question of Nationalism from Below*. In *Escritas da Mobilidade*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico. [disponível em brochura com prólogo, índice e CDROM].
- LYONS, Martin (2002) – *Los soldados franceses y su correspondencia. Hacia una Historia de las prácticas de la cultura escrita en la Primera Guerra Mundial*, in GÓMEZ, Antonio Castillo- (coordinador) *La Conquista del Alfabeto, escritura y clases populares*. Cenero/Gijón: Ediciones Trea.
- MARQUES, Isabel Pestana (2008) – *Das Trincheiras com Saudade, A Vida Quotidiana dos Militares Portugueses na Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- MARTINS, Moisés; PIRES, Helena; OLIVEIRA, Madalena (2008) – *Dos postais ilustrados aos posts nos weblogs: para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário* in MARTINS, Moisés de Lemos e Pinto, Manuel (Orgs.) – *Comunicação e Cidadania*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho).
- MOTA, Guilhermina (2006) – *Batalha de La Lys: um relato pessoal*. In *Revista Portuguesa de História*, tomo XXXVIII. Coimbra: IHES da FLUC.
- MOURA, Maria Lúcia de Brito (2010) – *Nas trincheiras da Flandres, com Deus ou sem Deus, eis a questão*. Lisboa: Edições Colibri.
- PAÇO, Afonso (1993) – *Cartas às Madrinhas de Guerra*. Viana: Junta de freguesia de Outeiro.
- PASSOS, José Manuel da Silva (1993) – *O bilhete-postal ilustrado e a história urbana de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Caminho.
- RODRIGUES, Henrique; et al. (2013) – *Escrever para não morrer, correspondências de um soldado de Monção na Guerra Colonial*, in RODRIGUES, Henrique/PORTUGUÊS, Ernesto – *Escritas Privadas, da Mobilidade e da Guerra*. Viana do Castelo: Fundação da Caixa de Crédito Agrícola do Noroeste.
- SCHAPOCHNIK, Nelson (1998) – *Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade*, in *História da Vida Privada no Brasil, República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: companhia das Letras.